

Bolsonaro reúne milhares, nega trama golpista e pede pacificação e anistia no 8/1

Continuação da pág. A4

O ato deste domingo teve como objetivo demonstrar força política de Bolsonaro e pressionar o STF, que tem autorizado prisões e buscas em torno da investigação contra o ex-presidente e seus aliados, entre militares e ex-ministros do governo.

Bolsonaro, que acumulou declarações golpistas ao longo de seu mandato, teve como preocupação ao longo da semana que seus apoiadores não fossem a Paulista faixas e cartazes de ataques especialmente contra o STF, o que foi respeitado durante o ato deste domingo.

A estratégia foi de minimizar tensões com o Supremo e o ministro Alexandre de Moraes, alvo principal do ato e que preside inquéritos que podem resultar em novas condenações para Bolsonaro.

Ao longo de seu mandato, Bolsonaro frequentemente criticou o STF, utilizando termos como "política alta", "acabou, porra", além de acusar o tribunal de ter ligações com o PT e de ativismo político. Os ataques se intensificaram a partir de 2022, durante a pandemia da Covid-19.

Em eventos anteriores, além de criticar o STF e o Congresso, apoiadores de Bolsonaro também exibiram faixas e cartazes apoiando a ideia de um golpe de Estado no Brasil e enaltecendo a ditadura militar que ocorreu entre 1964 e 1985.

Na decisão em que autorizou as prisões de aliados do ex-presidente no início do mês, o ministro Alexandre de Moraes afirmou que já está comprovada a prática de crimes contra a democracia e associação criminosa.

Caso seja processado e condenado pelos crimes de tentativa de golpe de Estado, tentativa de abolição do Estado democrático de Direito e associação criminosa, o ex-presidente poderá pagar uma pena de até 23 anos de prisão e ficar inelegível por mais de 30 anos.

Bolsonaro ainda não foi indiciado por esses delitos, mas as suspeitas sobre esses crimes levaram a Polícia Federal a deflagrar uma operação que mirava seus aliados no início do mês.

Tarcísio enaltece Bolsonaro, e Nunes tem presença discreta

SÃO PAULO O governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) fez um discurso recheado de elogios ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) neste domingo (25) na avenida Paulista, sem citar as investigações em torno de uma farsa golpista que



Ato pró-Bolsonaro visto do sentido Consolação da avenida Paulista. *Fonte: Getty Images*



O governador Tarcísio de Freitas. *Fonte: Getty Images*

mira o seu padrinho político. Estamos aqui para celebrar o verde e amarelo, o amor ao nosso país, o Estado Democrático de Direito.

Em sua rápida fala, o governador cobrou liberdade de expressão e mencionou o "ideal da segurança jurídica" no país. Para que a gente tenha previsibilidade, para trazer os investimentos que vão fazer a diferença", disse.

Tarcísio também afirmou que "não era ninguém" antes de ter sido escolhido por Bolsonaro ministro e depois candidato em São Paulo.

“Estamos aqui para celebrar o verde e amarelo, o amor ao nosso país, o Estado Democrático de Direito”

Tarcísio de Freitas governador de SP

“Alexandre de Moraes disse que a extrema direita tem que ser combatida na América Latina. Como ministro do STF tem lado?”

Não tenho medo de ser preso. Vergonha é se calar. Vergonha é se esconder. Vergonha é fugir

Silas Malafaia pastor e organizador do ato

Ele disse que o aliado não é mais só uma pessoa, mas sim a representação de um movimento. “Você representa todos eles que descobriram que vale a pena brigar pela família, pela pátria, pela liberdade”.

Ovacionado, Tarcísio disse que todos ali estavam com saudades de Bolsonaro, a quem chamou de amigo.

Já o prefeito Ricardo Nunes (MDB), que pleiteia o apoio de Bolsonaro na disputa à reeleição em São Paulo, teve presença discreta no ato. Ele foi citado por Bolsonaro, mas não fez discurso. Em suas redes, postou foto com Tarcísio e o governador Ronaldo Caiado (União Brasil), de Goiás.

Como mostrou a Folha, a decisão do prefeito e do governador de ir à manifestação convocada pelo ex-presidente surpreendeu parte do bolsonarismo, que elogia o gesto a favor do aliado.

Aliados de Bolsonaro frequentemente avaliam que o governador não é de fato comprometido com as pautas do ex-presidente.

Tarcísio já afirmou que não é um bolsonarista raiz e que não quer se envolver em guerras ideológicas e culturais.

Os aliados de Bolsonaro se incomodam especialmente quando o governador e o presidente Lula (PT) têm interações amistosas.

Também gerou irritação no próprio Bolsonaro quando Tarcísio disse, no fim do ano passado, que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad (PT), estava fazendo a coisa certa. O ex-presidente reagiu afirmando que não estava tudo certo na sua relação com o aliado político e que “jamais faria certas coisas que ele faz com a esquerda”.

Após a operação da Polícia Federal que atingiu Bolsonaro, investigado por uma suposta tentativa de golpe, o governador demorou uma semana para se manifestar. Quando o fez, disse que sempre estaria ao lado do ex-presidente, nos momentos bons e ruins, e que não vê como ele poderia ser responsabilizado no caso.

Interlocutores avaliam que Tarcísio está em uma situação delicada. Ao mesmo tempo que deseja descolar sua imagem das franjas mais radicais do bolsonarismo, o governador pode acabar sendo considerado um traidor se virar as costas para o ex-presidente. E, se não for leal a ele, corre o risco de disputar contra algum candidato apoiado por Bolsonaro em uma eleição futura.

Neste fim de semana, Bolsonaro se hospedou no Palácio dos Bandeirantes a convite do governador. O ex-presidente já ficou na sede do Governo de São Paulo em algumas outras três ocasiões. Ana Luiza Albuquerque e Arthur Rodrigues

Ato grande e previsível mostra Bolsonaro sem armas para a briga

ANÁLISE

Igor Ciclov

Quando começou o ato para se defender das acusações de ter tramado um golpe para se manter no poder, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) deixou claro que tudo o que lhe interessava seria “a lei”. Neste domingo (25), repetiu o enunciado.

E o conseguiu, como seria previsível para alguém que tem 25% da população bolsonarista convicta, durante a noite que não mudou de lugar durante um ano de revelações deletérias acerca do como seu grupo político de fato buscou rasgar a Constituição em nome do chefe.

Apesar da previsível multidão na avenida Paulista, um lugar conhecido por pontos comerciais em que pessoas

fazem filas para tirar uma foto que durará dois segundos em rede social, Bolsonaro demonstrou neste domingo a exatidão de seus recursos.

O radicalismo do 7 de setembro de 2021, quando o poder de fato instigou uma ruptura ao para se ver agora na mira da justiça, foi um eco distante.

Um Bolsonaro teatralizado, para ficar na provocação conhecida, apareceu enumerando platitudes sobre seu governo. No máximo, um queime contra a extensão da prisão dos manifestantes golpistas do 8 de janeiro e choro sobre não concordar “que se tire o adversário do cenário político”.

O pitbull que chamou Alexandre de Moraes de caníbal e prometeu nunca obedecer suas ordens, um mau agou-

ro dado que será o ministro quem deverá levá-lo à cadeia segundo o roteiro judicial em curso, surtiu. Prevaleceu um animal desdentado, chacoalhando uma gaiola com pombos orientados à docilidade.

Os falôes mal apareceram, com exceção delegada a Silas Malafaia. A organização de transportes, principalmente, de manter o clima de um culto religioso ao ato, sem cartazes pedindo a cabeça de Karão, como Moraes é chamado entre eles, ou de jornalistas, é um legado ao pastor do bolsonarismo que tanto lhe serviu.

Coubra e ele nomear Moraes em suas críticas e repetir teorias conspiratórias sobre o papel de Lula (PT) no 8 de janeiro, mas também de fazer um questionamento que, tirado do contexto radical, não é absurdo, sobre o poder absoluto do Supremo no inquérito

das fake news que acabou por mirar todo o bolsonarismo. Mas o substrato do ato foi a falta de armas à disposição de Bolsonaro. O ato de 2021 assumiu o mundo político e o Supremo e o 8 de janeiro soa algo farsesco; agora, gente com camisa da CBF é só motivo de piadas jocosas.

As provas deixadas para trás nos vídeos e mensagens em apuração pela Polícia Federal no escopo da ideia de golpe, agora tende a ser lido como direito ao espanto.

O que não retira interesse do principal ato falho da tarde. “Você não é um CPI, você é representante do movimento de todos os que descobriram que vale a pena brigar pela família, pela pátria, pela liberdade”, disse o governador

Tarcísio de Freitas (Republicanos SP).

Passadas poucas semanas de um evento em que esteve abraçado com Lula, o mandatário paulista novamente buscou o equilíbrio impossível entre ser um réferê eleitoral de Bolsonaro, o que nunca deixará de ser, e o de ser um réferê político, de que tenta se desencilhar desde o começo do mandato.

Por óbvio, no palanque e abraçado com o padrinho, pagou a conta. Mas a citação ao CPI é duplamente reveladora. Primeiro, remonta a um termo policaléscio mundano adotado do bolsonarismo e já usado pelo próprio ex-presidente, que diz respeito ao “canismo” do “CPI” de bandidos, ou seja, seu assassinato nas mãos da polícia.

Se isso não fosse mais o suficiente, lembra a quem quiser ouvir que Tarcísio estava lá, mas representando na sua visão apenas “uma ideia”, não o ex-presidente a quem deve o cargo e que talvez em um ano esteja preso.

Menos sutil foi o prefeito paulistano Ricardo Nunes (MDB), que tem uma eleição dura contra a esquerda apoiada por Lula na figura de Guilherme Boulos (PSOL). Ele passou por lá porque afinal réferê eleitoral do bolsonarismo todos são, mas nem deu as caras no microfone.

Nada disso, na leitura histórica e talvez na eleitoral, trilhar qualquer pessoa presente na Paulista da acusação de apoiar uma pessoa tentando se defender de golpismo explícito. Bolsonaro mostrou que tem muita gente a seu lado, mas também que elas pouco podem fazer ante o caminho traçado à sua frente.